LITERATURA DE CORDEL

DONA TETÉ, MINHA MÃE

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

Falar da mãe é bem fácil
Mas é difícil também;
Muitas vezes só lembramos
Daquilo que nos convém;
A memória é seletiva,
Nem sempre é afetiva;
Dela ficamos refém.

Por isso procurarei
Com toda sinceridade
Da minha mãe comentar
Usando afetividade;
Relatar os bons momentos,
Dos numerosos eventos;
Do seu sorriso à vontade.

É claro, houve instantes
Em que bem intimamente
Mal dela eu até pensava,
Quando ela, firmemente
Mostrava onde eu podia
Ir e mais não permitia.
Mas eu era adolescente!

E como tal não sabia
De quase nada da vida;
Mas com castigo e o cinto,
No tempo certo e medida,
Mesmo não compreendendo,
A lição fui aprendendo
Com minha mãe, comedida.

Ela nos deixou bem cedo,
Com cinquenta bem vividos,
Vitimada por um câncer
Por órgãos absorvidos:
Estômago e outros mais,

Em metástase tenaz,
Por eles desenvolvidos.

Com prematura partida,
Das surras, falta sentia,
Estaria ao nosso lado
E em sua companhia.
Foi então que percebemos,
Nós, filhos, alguns pequenos,
A falta que ela fazia.

Minha mãe naquela casa,
Em Belém, periferia,
No Telégrafo-Sem-Fio,
Tarefas mil exercia:
Ministra da Educação,
Da Saúde e por que não?
Também da Economia.

Quando pequenos, levava
Para a escola diária,
No retorno para casa
Pensava na culinária:
No mercado e na feira,
A tarefa costumeira.
Nunca era perdulária.

Em casa muito trabalho,
Muita roupa pra lavar
Numa tina com sabão;
Comida pra cozinhar.
O trabalho acumulado
Nunca foi remunerado,
Não dava para evitar.

Na saída da escola
Ela, sempre vigilante,

Estava a nos aguardar
Com um sereno semblante.
No caminho para casa,
Da escola questionava,
Sempre muito instigante.

Depois do almoço, ela
Cobrava dedicação
Aos estudos e dizia
Era a nossa redenção;
Pois dinheiro, ela falava,
Para nós, acreditava,
Só através da educação.

Depois de certa idade,
Com um mais velho liderando,
Íamos para a escola
Sozinhos, admirando
Naquelas pobres *passagens*,
As repetidas imagens,
Ao máximo, aproveitando.

Para nós, a mais marcante,
A Usina de castanhas,
Há duas quadras do Grupo;
No seu pátio, as *montanhas*,
Que o bondoso capataz,
Com atitude sagaz,
Liberava nossas sanhas.

Seguíamos satisfeitos
De bolsos abarrotados
De castanhas, para casa,
Todos bem aprazerados.
Uma parte era comida,
Controlando a endomida,
Sem sermos exagerados.

Imagens da minha mãe
São tantas e variadas,
Com seis filhos pra criar,
Frases sempre afiadas.
Dar fora, uma constante,
Mas sim, era importante
Pra crianças bem formadas.

Frases, creio, toda mãe
Utiliza à exaustão,
Seja no Sul ou no Norte
Ou em outra região;
São acessórios assentes,
Nos lares, onipresentes
Pruma boa educação:

- No retorno a gente compra!
- Em casa a gente conversa!
- Não esquece o guarda-chuva!
- Eu, você e vice-versa!
- Não fez mais que a obrigação!
- Eu não tô pedindo, não!
- Foi você, não foi? Confessa!

- Você achou isso aqui?
Então ponha no lugar!
- Enquanto morar comigo
Fará tudo que eu mandar!
- Não me importa todo mundo!
- Não serás um vagabundo!
- Melhor parar de chorar!

Existem outras dezenas;
Cada qual mais criativa.
Elas são bem variadas,
Muitas são subjetivas.

Entretanto, outras são
Com explícita intenção
Claramente educativas.

Minha mãe oferecia
Relativa liberdade:
Ir à escola, à igreja,
Estudar, brincar à tarde.
À noite, rígido horário,
Coisa que nem o vigário
Modificava. Verdade!

Me tornando escoteiro
Mais um espaço, fugaz;
Todo sábado à tarde
Mais o domingo, assaz.
Sentia a necessidade
De uma ampla liberdade,
Era um jovem edaz.

Num junho, rapidamente,
Eu nasci. Meu pai surpreso.
Lembro ainda das vezes
Das idas ao Ver-o-Peso
Aos sábados, normalmente,
Para compra consistente.
Eu ia feliz, aceso.

Nessas idas semanais
Com minha mãe, ajudando,
O que mais gostava mesmo
Era o mingau fumegando,
Com o aroma que emana,
De tapioca e banana,
Para esfriar, assoprando.

Depois *pro* lanche a unha

De caranguejo, crocante,
Com a garapa gelada,
Íam duas num instante.
Depois do peixe pesado,
Camarão fresco e salgado,
Para um almoço vibrante.

O *Filhote* era bem frito,
Quando *Dourada*, também,
No almoço ou no jantar.
Com o açaí, pra ninguém!
Camarão fresco, ensopado,
O salgado, reservado
Pro *Caruru* de Belém.

A macaxeira, constante,
Sempre estava presente,
Fosse em bolo ou fosse frita,
Ela sempre competente.
Na nossa educação,
Com bronca ou com afeição,
Como mãe, um expoente.

A mãe era, com certeza,
Excelente cozinheira
E além disso também
Especial quituteira.
Nos momentos de *lazer*
Completava seu viver:
Bordadeira e costureira.

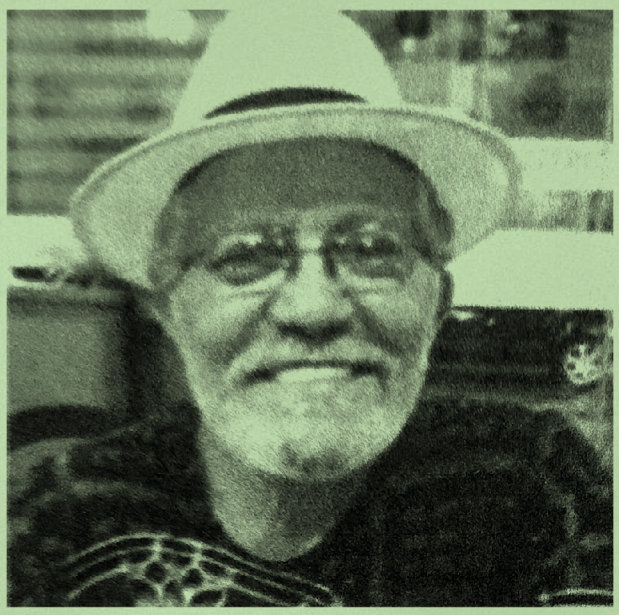
Teté foi o codinome
Por ela mesma adotado;
Seu nome era Honorata,
Inda jovem descartado.
Considerava bem feio
E *Teté*, nesse permeio

Em sua vida espraiado.

Por isso disse, no início,
Como mexe com a emoção,
Falar de mãe é difícil,
Causa às vezes, comoção.
Gostaria imensamente,
Se pudesse, atualmente,
Dizer-lhe: - Grato, então!



Ver-o-Peso em 1935.



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013